

Unidade volta a funcionar hoje com cinco médicos do quadro do hospital. Na segunda-feira, seis pediatras cedidos pelo GDF completarão o atendimento ao público

Maternidade do HUB reabre

Gustavo Moreno/Especial para o CB

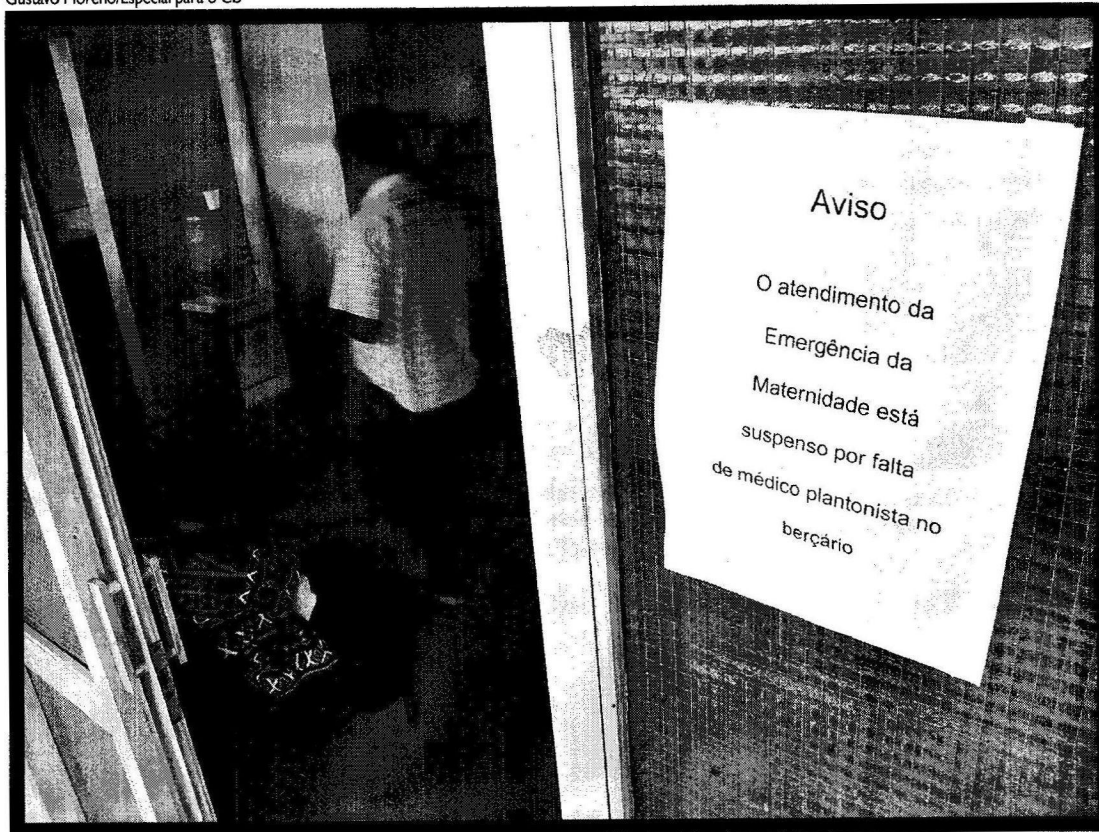
GIZELLA RODRIGUES

DA EQUIPE DO CORREIO

Depois de 10 dias de portas fechadas, a maternidade e o berçário do Hospital Universitário de Brasília (HUB) voltam a funcionar hoje. Até segunda-feira, a escala será cumprida pelos cinco médicos do próprio quadro do hospital. A partir da próxima semana, seis pediatras cedidos pela Secretaria de Saúde do Distrito Federal serão integrados ao grupo. A diretora do HUB, Tânia Torres Rosa, sustenta que os 11 profissionais serão suficientes para atender mães e bebês e, ainda, garantir o aprendizado dos 120 alunos de medicina que fazem estágio no berçário. Eles também ficaram parados durante o período em que a maternidade esteve fechada e terão de repor as aulas por uma semana no final do semestre.

A expectativa é que os médicos da Secretaria de Saúde comecem a ser convocados hoje e se apresentem até o final da semana ao HUB. Eles irão cumprir um regime de 40 horas semanais, ou seja, oito horas por dia. Os demais trabalham em esquema de plantão com escala de 12 horas de trabalho por 24 horas de descanso. Assim, todos os períodos do dia serão cobertos por profissionais e estudantes, que são orientados pelos médicos. Não há prazo para o retorno dos médicos ao quadro das secretarias.

Mais de 1,5 mil partos são realizados por ano no HUB. Com o fechamento da maternidade e do berçário, o atendimento de emergência foi suspenso. O HUB também deixou de receber mães que



AVISO NA PORTA DA MATERNIDADE INFORMA QUE O ATENDIMENTO ESTÁ SUSPENSO DEVIDO À FALTA DE PESSOAL

queriam fazer acompanhamento pré-natal. Durante os 10 dias, pelo menos 40 mulheres tiveram de procurar outras unidades da rede pública de saúde. "Pelo aspecto quantitativo, o número não é grande. Mas significa muito por causa da qualidade dos nossos serviços. O HUB é referência do atendimento a mães com gravidez de alto risco", afirma a diretora do hospital.

A maioria das gestantes atendidas no hospital universitário tem pressão alta ou diabetes. São doenças crônicas que podem influenciar na formação

dos bebês. Filhos de diabéticas, por exemplo, podem nascer com peso acima do normal, que é de 4 kg. Os remédios que as mulheres tomam também podem causar má-formação de alguns órgãos dos recém-nascidos. "Esses bebês exigem uma atenção maior na hora do parto", explica Tânia. Além do HUB, o Hospital Regional da Asa Sul (Hras) também faz um trabalho com gestações de alto risco.

Crise

O atendimento no berçário foi suspenso por causa da crise fi-

nanceira do HUB. Os 12 neonatologistas que eram contratados pelo próprio hospital pediram demissão. Eles reivindicavam um salário maior que os R\$ 2 mil que recebiam, mas o HUB não tinha como pagar o valor de R\$ 3 mil pedido. Restaram cinco médicos que são pagos pela Fundação Universidade de Brasília (FUB) e, por isso, recebem salários maiores. Mas, sem os 12 profissionais que eram contratados diretamente pelo HUB, a escala ficou cheia de buracos. "Não tínhamos como fechar nem meio mês. Os bebês exigem tratamen-

to continuado e não poderia ficar período algum sem médico de plantão. Assim, preferimos fechar a maternidade", justifica a diretora do HUB.

Os pacientes não foram os únicos prejudicados. A crise também ameaçou o início do ano letivo dos alunos da Faculdade de Medicina da UnB. O semestre escolar se inicia em 12 de março, mas estudantes e professores cogitaram não fazer a matrícula dos alunos. A falta de pediatras no Centro Obstétrico e na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) Neonatal inviabilizava o curso. Alunos do 8º semestre precisam da maternidade para as disciplinas de Neonatologia, Ginecologia e Obstetrícia. Os do 11º semestre fazem estágio no local por 6 meses. Durante 90 dias aprendem Ginecologia e Obstetrícia e nos outros 90 dias, Pediatria.

As aulas chegaram a ser adiadas pelo Conselho Pleno da Faculdade de Medicina. Com a reabertura da maternidade e do berçário, no entanto, a decisão deverá ser revista. O conselho se reúne hoje, às 10h, para votar o assunto. "Não há motivos para as aulas não serem mantidas. O problema pontual foi resolvido, mas falta o estrutural. Todos os hospitais universitários do país convivem com essa crise de financiamento. Na verdade, os ministérios da Saúde e da Educação não se entendem a respeito do repasse de verbas. O HUB se sustenta por esforços pessoais e a gente aprende à custa de favores dos médicos e professores", reclama Júlia Fonseca Farage, 24 anos, aluna do 11º semestre, que vai se formar em setembro deste ano.